

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aline Carraro

**Os silêncios da História: o lugar da mulher
no período colonial brasileiro.**

Uma análise a partir da obra de Mary Del Priore

PASSO FUNDO/ RS

2023

Aline Carraro

**Os silêncios da História: o lugar da mulher
no período colonial brasileiro.**

Uma análise a partir da obra de Mary Del Priore

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Humanidades,
Educação e Criatividade da Universidade de
Passo Fundo como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Luiza Setti
Reckziegel

PASSO FUNDO/ RS

2023

*eles riscaram isso
dos livros de história,*

*mas em todas
as grandes invenções*

*você encontrará
marcas de queimado*

*no formato das
mãos*

*magníficas
de uma mulher.*

*não esqueça:
precisamos ser
os livros de história
agora.*

– As mulheres são bibliotecas prestes a explodir.

A Bruxa Não Vai Para A Fogueira Neste Livro.

Amanda Lovelence

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ter me dado a base, incentivo, amor e colo para me tornar quem sou e para chegar até aqui. Sou eternamente grata, vocês são minha inspiração. Aos meus colegas e amigos, por terem dividido esses quatro anos e meio de desafios e conquistas, em especial a Bruna, Paola e Elias, levarei nossa amizade sempre comigo. Ao meu namorado, por toda a paciência, amor e compreensão. Também, gostaria de agradecer a quem irá ler o trabalho, espero que lhe acrescente e aprimore conhecimentos. E, por fim, agradeço imensamente a Prof.^a. Ana por toda a sua ajuda e apoio durante a realização do projeto.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é identificar o papel que a mulher teve no Brasil Colônia. Através da análise historiográfica das obras da historiadora Mary Del Priore, mostraremos em que cenários sociais estavam essas mulheres, as expressões e lutas daquelas que até os dias de hoje sofrem com discriminação, violência e silenciamento.

Conhecermos sobre nós mesmas e sobre o nosso passado é imprescindível para entendermos as raízes dos problemas que ainda encontramos no nosso dia a dia, e, com base nesse contexto, desenvolverei meu trabalho de pesquisa o qual está estruturado em três capítulos.

No primeiro, intitulado História das mulheres no Brasil Colônia, abordarei, de uma maneira geral, os distintos contextos e ambientes em que a mulher estava inserida naquela época. No segundo capítulo, intitulado como Beleza e sexualidade; velhice e feiura, destaco como, desde o Brasil Colônia os corpos e vestimentas ganhavam ênfase e que, por muitas vezes, também censura. E, por fim, o terceiro capítulo é intitulado Casamento e divórcio; família e trabalho. Esse último abordará a maneira e funções que a mulher tinha dentro de sua família e no casamento, como também, seus ambientes e representações de trabalho.

Palavras-chave: História das Mulheres. Patriarcado. Papel social feminino. Sexualidade. Trabalho. Família.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I: HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL COLÔNIA.....	12
1.1- O CONTEXTO GERAL DA COLÔNIA.....	12
1.2- AS AMAZONAS: UM MITO INSTIGANTE.....	13
1.3- AS DIFERENTES FACETAS DA MULHER NO PERÍODO COLONIAL.....	14
CAPÍTULO II: BELEZA E SEXUALIDADE. VELHICE E FEIURA	22
2.1- OS CORPOS E SUA INTIMIDADES.....	22
2.2- AS DIABOLICAMENTE INFLUENTES.....	25
2.3- PROSTITUIÇÃO.....	26
2.4- ENTRE AS APARÊNCIAS.....	28
CAPÍTULO III: CASAMENTO E DIVÓRCIO. FAMÍLIA E TRABALHO.....	32
3.1- SER ESPOSA E CUIDAR DOS FILHOS: O PAPEL PRINCIPAL.....	32
3.2- CASAMENTOS AFRODESCENDENTES.....	36
3.3- CASAMENTOS INDÍGENAS.....	38
3.4- RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS.....	40
3.5- OS DIVÓRCIOS.....	40
3.6- O TRABALHO	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a historiografia ocidental tradicional foi escrita a fim de ressaltar os grandes feitos, os grandes protagonistas, o herói. O principal personagem, a história que mais importava era a do homem branco, hétero e rico, o qual regia a sociedade patriarcal. As minorias como as mulheres, pobres e negros foram invisibilizadas e subjugadas como não constituintes da história.

Porém, com a Nova História outros olhares foram surgindo, e, juntamente com o movimento feminista, o papel da mulher foi trazido à luz e questionado. Onde estavam as mulheres? Quais suas situações? De que forma elas contribuíram para a história do nosso país?

Para aprofundarmos o que foi a Nova História abordaremos o primeiro capítulo do livro *A escrita da História*. Nele, seu autor, Peter Burke, explica que esse movimento é iniciado na França, por Jacques Le Goff. O autor a cita como título de uma coleção de ensaios, dando assim o pontapé inicial para seu surgimento.

A Nova História é associada a chamada *École des Annales* e faz parte de sua terceira geração, levando em conta que a primeira e a segunda não enfatizaram a História das mulheres. Em suma, a Nova História distancia-se da história tradicional por se interessar virtualmente por toda a atividade humana e desfocar da visão de mundo vista por cima, dos grandes acontecimentos.

Assim, A História das mulheres começa a ser discutida. Jean Scott no capítulo denominado “História das mulheres”, retirado deste mesmo livro, explica o que foi essa nova abordagem. Para ele, a conexão entre a história das mulheres e a política é inevitável sendo o movimento feminista o ponto de partida, na década de 60. Mais tarde, na década de 70, a história das mulheres afastou-se da política e ampliou seus questionamentos, e, na década de 80 houve o rompimento definitivo com a política, proporcionando esse campo a construção de seu próprio espaço.

Ainda, o autor destaca que a história das mulheres apareceu como um campo definível nas duas últimas décadas, não havendo mais dúvidas de que esta é uma prática estabelecida em todas as partes do mundo:

A história das mulheres, sugerindo que ela faz um a modificação da “história”, investiga o modo como o significado daquele termo geral foi estabelecido. **Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos.** É, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história - o Homem universal. Embora todos os historiadores das mulheres não apresentem diretamente estas questões, seu trabalho implica-as: Através de que processos as ações dos homens vieram a ser consideradas uma norma, representativa da história humana em geral, e as ações das mulheres foram subestimadas, subordinadas ou consignadas a uma arena particularizada, menos importante? ¹

(grifo nosso)

A fim de completar essas lacunas da história, destacaram-se vários autores. No Brasil, uma das mais conhecidas é Mary Del Priore que, além de ser escritora, é também historiadora e professora. Mary Lucy Murray Del Priore nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1952. É especializada em temas sobre a sociedade, como por exemplo, a história da mulher, da família e da criança. Podemos destacar ciências humanas, história do Brasil, sociologia, filosofia, história direitos humanos, responsabilidade social, cidadania global, educação e desenvolvimento como suas áreas de interesse e pesquisa. Fez seu doutorado em História Social na Universidade de São Paulo e seu pós-doutorado na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, na França. Além de possuir mais de 50 livros sobre a História do Brasil a autora foi indicada e ganhadora de várias premiações, recebendo mais de 20 títulos literários nacionais e internacionais.²

Del Priore “dá voz” as mulheres de diferentes épocas do nosso país, frisando que a história das mulheres não é somente a história de si mesmas.

A época que corresponde ao Brasil colonial situa-se entre o século XVI e XIX. Boris Fausto defende que,

Podemos dividir a história do Brasil colonial em três períodos muito desiguais em termos cronológicos: o primeiro vai da chegada de Cabral à instalação do governo geral, em 1549; o segundo é um longo lapso de tempo entre a instalação do governo geral e as últimas décadas do século XVIII; o terceiro vai dessa época à Independência, em 1822. O que justifica essa periodização não são os fatos apontados em si mesmos, mas sim aquilo que expressam. O primeiro período se caracteriza pelo reconhecimento e posse da nova terra e um escasso comércio. Com a criação do governo geral inicia-se a montagem

¹ Ver mais em BURKE, Peter (Coord.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP - Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 78.

² PUCRS ONLINE. Quem é Mary Del Priore. Disponível em: < <https://blog-online.pucrs.br/public/quem-e-mary-del-priore-biografia/>>. Acessado em: 17 de novembro de 2021.

da colonização que irá se consolidar ao longo de mais de dois séculos, com marchas e contramarchas. As últimas décadas do século XVIII são uma referência para indicar um conjunto de transformações na ordem mundial e nas colônias, que dão origem à crise do sistema colonial e aos movimentos pela independência.³

A fim de estudarmos e identificarmos a falta de espaço e representatividade que a mulher tinha no Brasil Colônia, delimitaremos nossa análise de fontes baseada nos seguintes livros de Mary Del Priore: *Sobreviventes e guerreiras* (2020); *História das mulheres no Brasil* (2004); *História da gente brasileira: colônia* (2016); *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011) e *Histórias e conversas de mulher* (2013).

Embasada por fontes historiográficas primárias, Del Piore atinge o chamado “rigor historiográfico” o qual é uma das principais características da História enquanto ciência. Ademais, a autora destaca-se por fazer com que o leitor desperte seu interesse pela leitura. As obras aqui analisadas e estudadas são de linguagem acessível, contendo uma narrativa histórica, abordando assuntos curiosos e instigantes. E, com exceção do livro *Sobreviventes e Guerreiras* contamos com imagens, sendo esta uma forma de ilustração que facilita e nos aproxima do que está sendo explicado no texto. A autora destaca essas questões em uma entrevista dada em 2013, ocasião na qual estava concorrendo a uma vaga na Academia Brasileira de Letras:

[...] venho lutando para que mais e mais brasileiros leiam e gostem de sua história: da história do Brasil. A ABL é uma instituição de peso nacional e internacional que poderá dar maior visibilidade ao nosso passado, lutar por nossa memória, textos e documentos, fazendo-se mediadora entre a literatura e a história, disciplinas que dialogam. Afinal, como o romance, a história conta. E contando, ela explica. (Correio do Povo, 2013).

Ao abordar assuntos da vida privada, manifestações culturais, rotina, trabalho, práticas e representações a autora nos ajuda a compreender as relações e aspectos da cultura da sociedade no período colonial. Utiliza de fontes privilegiadas para a escrita das obras: documentos inéditos como cartas de dimensão privada, processos da Inquisição, processos-crime, leis, reportagens de jornais da época, livros de medicina, crônicas de viagem, cartas de testamentos, escrituras de venda, atas de batismo e casamento, entre outras.

³ FAUSTO Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 35-41.

Mary Del Priore ao discutir sobre “História das Mulheres”, relaciona-se com a História Social, dentre os campos historiográficos, tornando a mulher o principal agente histórico e abrindo um leque de possibilidades na pesquisa histórica. Analisa campos relacionados à sexualidade, imaginário social e das mentalidades, além de outros tantos que perfazem o universo da História Cultural.

Nesse viés, as categorias de análise que destaquei na obra da Del Priore como, por exemplo, sexualidade, trabalho, família e patriarcado permitiram revisitar a história do Brasil Colônia a partir de um viés diferenciado daquele tradicional que privilegia a política ou a economia.

Em suas obras, a autora salienta que as mulheres além de serem submissas, eram satanizadas. A medicina as tratava como seres inferiores, de “carnes moles”. Além disso, os corpos das indígenas foram retratados com grande ênfase na carta de Caminha, foram objetificadas desde o achamento. A feiura e a velhice deveriam ser escondidas. Por outro lado, a beleza e sexualidade femininas eram associadas ao pecado.⁴

O povo que aqui se desenvolveu foi marcado pela sua diversidade cultural que, inicialmente, foi composta pelos povos nativos, pelos africanos e europeus colonizadores. Herança dessa mestiçagem foram os costumes que arrastaram-se nos anos posteriores. A autora sustenta que o patriarcalismo do Brasil ganhou uma tonalidade diferente ao ser oriundo dessas três etnias citadas anteriormente (europeus ocidentais, africanos e dos povos originários) que “se dão as mãos” para exigir que as mulheres se limitem e se comportem dentro de suas “caixinhas”.⁵

Em relação ao conceito de patriarcado, podemos nos apropriar da definição de que:

[...] patriarcado no seu sentido substantivo é tão frutífero para analisar as diversas situações de dominação e exploração das mulheres. O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive,

⁴ PRAZER, KARNAL. Mulheres na História brasileira. Youtube, 26 de novembro de 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LG3p6M5YVdY&t=898s> >. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

⁵ Idem, *ibidem*.

inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais.⁶

Neste viés, no livro *Sobreviventes e Guerreiras*, Del Priore destaca que o patriarcalismo está presente em quase todas as culturas do mundo. Definindo-se como um sistema no qual os homens devem alimentar e proteger sua família, assumindo quase todas as funções fora de casa, cabendo às mulheres a tarefa de organização do lar e educação dos filhos. Ainda salienta que em 1945, o *Dicionário Francisco Fernandes* definia o termo "patriarcal" como sinônimo de “bondoso”, “indulgente” e “pacífico”.

Segundo Michelle Perrot, as mulheres durante muito tempo ficaram em uma posição de invisibilidade “As mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato.” Seu lugar era no âmbito doméstico, intocadas dentro de casa. “Sua fala em público é indecente, “são pouco vistas, pouco se fala delas”, ocasionando um “silenciamento de fontes”.⁷

Dentro desse contexto, mostrarei de que forma o papel feminino era encarado e inserido na época. Diante das muitas representações: a mãe, esposa, amante, prostituta, filha, indígena, negra, trabalhadora... enfim, as muitas facetas que compõem e enriquecem a nossa história e nossas raízes.

⁶ AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, v. 15, n.2, p.303-330, 2000.

⁷ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 16 e 17.

I

HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL COLÔNIA

Nesse capítulo situaremos o leitor do tempo-espaço que o trabalho discorrerá. Aproximaremos o mesmo dos costumes e tradições indígenas, a função da mulher ali e a visão dos europeus e viajantes sobre elas. Trataremos também da vinda das escravas em território brasileiro, a adaptação e vida privada das negras que aqui viviam. Em suma, os modos de vida, ocupação na sociedade, preocupações, submissão e bravura das nossas mulheres.

1.1- O CONTEXTO GERAL DA COLÔNIA

Em 22 de abril de 1500 foi “descoberto” o território que hoje denominamos como Brasil. Os portugueses que aqui chegaram desembarcaram em um vasto litoral até então desconhecido, habitado por criaturas também estranhas para seus olhos. O choque de culturas foi estridente.

Os portugueses eram os grandes expansionistas da época, estavam em busca de especiarias e se destacavam por serem promissoras potências do século XV. Liderados por Pedro Álvares Cabral, ao chegar no novo território, pouco se interessaram por ele já que não mostrava ter, de primeira impressão, a riqueza que os colonizadores esperavam.

Contudo, como relata Boris Fausto no segundo capítulo do livro *História do Brasil*, o nome “Brasil” começou a aparecer por volta de 1503, época na qual foi descoberto o pau-brasil que representou a principal riqueza a ser extraída do território, nos anos iniciais da colonização. Sua madeira era destacada por conta de cor, avermelhada, e de sua robustez. Esta foi de 1500 a 1535 a principal atividade econômica exercida aqui.⁸

Dom João III decidiu-se pela criação das capitanias hereditárias no início da colonização, mais tarde foram descobertas as minas de ouro em Minas Gerais e esta passou a ser uma outra fonte de riqueza.... Enfim, o período colonial brasileiro renderia inúmeras páginas para ser explicado. Mas, visando que o projeto de pesquisa será sobre

⁸ FAUSTO Boris. Op. cit., p. 24.

a sociedade da época, focando essencialmente no papel feminino, é importante termos em mente, principalmente, a dominação e superioridade que os portugueses achavam ter perante os povos nativos. Acreditavam na missão de “civilizar” aquelas gentes consideradas inferiores e selvagens.

A escravidão, que foi abolida no Brasil em 1888, teve nos indígenas a primeira mão de obra. Os índios, assim nominados pelos portugueses, aqui viviam compondo diversas etnias e culturas. Tinham seus próprios costumes e línguas, andavam nus, viviam do cultivo da roça, da caça, pesca e continham sua organização social.⁹

Em *História da gente brasileira*, Mary Del Priore relata que para simplificar, já que haviam dezenas de etnias e linguística diferentes dos povos nativos, os europeus os separavam em dois grupos e os nomearam da seguinte forma: tupi e tapuia. Os tupis seriam aqueles grupos litorâneos e que mantinham o contato com os europeus. Já os tapuias eram os grupos desconhecidos. (DEL PRIORE, 2016)

A divisão do trabalho era ordenada por critério sexual e etário, nela desde a criança até os mais velhos tinham suas tarefas específicas. Os homens detinham as atividades que requeriam mais força e brutalidade, como a guerra, construções, pesca, caça e a liderança das tabas... As mulheres, por sua vez, colhiam, plantavam, preparavam a alimentação, limpavam e organizavam as moradias... Além disso, tinham uma função essencial de sustento da tribo e de seu companheiro. (DEL PRIORE, 2016)

1.2- AS AMAZONAS: UM MITO INSTIGANTE

Movidos pelo desbravamento do Novo Mundo e com o mito de um universo exótico e cheio de promessas, os colonizadores descobriram o reino misterioso da Amazonas. Estas eram figuras lendárias, descritas como guerreiras solitárias, encontravam os homens somente para reproduzir. Os viajantes as descreviam como brancas, altas e com cabelos compridos, apenas com couro tapando as “suas vergonhas”. Era recorrente o relato de que estas mulheres viviam perto de rios, e detinham de muito

⁹ Ver mais em: FAUSTO Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

ouro. A autora cita que em uma conversa com os ribeirinhos Orellana havia conseguido confirmas a existência daquelas personagens. (DEL PRIORE, 2016)

E, sob os raios fabulosos da distância, surgiam mais e mais informações sobre tais mulheres. **Moravam a sete dias de viagem do rio e viviam separadas dos homens, com quem só se juntavam para procriar.** Como no mito grego, matavam os filhos homens e criavam, com presentes, as meninas. Uma grande senhora, cujo nome era Coñori, reinava entre elas, que, espalhadas em mais de setenta cidades lavradas em pedra, moravam em casas cobertas por plumas de papagaio. O piso e os móveis eram feitos de prata. Possuíam ainda muitos “carneiros do Peru” – lhamas e alpacas –, que lhes forneciam lã para o vestuário. Na capital, havia cinco oratórios dedicados ao sol, chamados caranain, adornados com ídolos de ouro. **Vestiam-se com roupas muito finas, e seus cabelos caíam até o chão. As cabeças iam coroadas do metal amarelo, e havia tanta riqueza em ouro e prata que, para o serviço da nobreza, não se usava outro. Suas terras eram, igualmente, hidratadas por lagoas de água salgada.**¹⁰

(grifo nosso)

Contudo, os rumores sobre a existência das Amazonas e seus costumes aos poucos foram sendo modificados e cada vez que era contado aumentava-se fatos a história. A fábula era contada e, por mais de dois séculos, viajantes e autores europeus afirmaram as conhecer.

1.3- AS DIFERENTES FACETAS DA MULHER NO PERÍODO COLONIAL

Nos primórdios da colonização não haviam mulheres europeias suficientes para a construção das famílias, visto que a forma de ocupação territorial que havia aqui era visando a exploração e não a de povoamento, deste modo, uma das soluções foi a junção dos europeus com as indígenas da etnia tupi. A poligamia era um costume normal dentre os indígenas, então para eles não havia problema. Muitas vezes eram os homens quem ofereciam suas mulheres aos europeus, também como costume entre as tribos, como modo de estreitar os laços políticos entre os mesmos. Um exemplo dessa miscigenação, Del Priore cita no livro *Sobreviventes e Guerreiras*:

[...] Assim, **Paraguaçu, filha do chefe Taparica, uniu-se a Diogo Álvarez Correia, também conhecido como Caramuru.** Viveram juntos, e o português tornou-se chefe de extensa linhagem de mamelucos. **Bartira, ou**

¹⁰ DEL PRIORE, Mary. *História da gente brasileira: colônia*. Rio de Janeiro: Leya, 2016. p.47.

“flor de árvore” posteriormente batizada sob o nome cristão de Izabel Dias, foi a companheira de João Ramalho, que viveu entre os tupiniquins, adotando muitos dos usos e costumes de seu povo. O povoamento do planalto de Piratininga, hoje São Paulo, deveu-se à extensa prole de Bartira. Sua filha, Joana Ramalho, casou-se com um dos mais influentes homens da capitania, o capitão-mor Jorge Ferreira. Já na capitania de Pernambuco, Jerônimo de Albuquerque, prisioneiro dos caetés, foi poupado da morte por interferência da “princesa do Arco Verde” ou Maria do Espírito Santo, com quem teve oito filhos. Uma de suas filhas, Catarina, casou-se com florentino Felipe Cavalcanti, dando origem a influente família Cavalcanti de Albuquerque.¹¹

(grifo nosso)

E, por conta dessas junções, os costumes também eram fundidos, inclusive muito do que hoje vimos no nosso dia a dia foi trazido daquela época, como por exemplo, o dormir na rede, os banhos de rio, a plantação e utilização do milho, da mandioca e outros costumes alimentares

A prática de junções entre os povos nativos e europeus continuou recorrente na sociedade até a chegada dos africanos e escravizados no território, esse era o chamado concubinato, o qual abordaremos no decorrer do trabalho. Os escravizados que aqui chegaram, foram provenientes principalmente das regiões de Angola, Nigéria, Congo, Gabão e Togo. As africanas, já eram conhecidas dos portugueses, pois foram enviadas para lá desde o século XV, e estes nutriam um grande desejo e as consideravam sensuais e disponíveis para o sexo. No Brasil, trabalhando como escravas, muitas delas acabavam casando-se ou envolvendo-se com homens brancos, como destaca a autora no livro *Sobreviventes e Guerreiras*. (DEL PRIORE, 2020).

Apesar do continente africano ter costumes diferentes entre seus povos a poligamia era corrente entre eles. O homem dentro da sociedade detinha dos privilégios e comando e poderia ter quantas mulheres pudesse sustentar, seu poder era definido pela quantidade de filhos que tinha. Era considerado o grande senhor, e, ao ter várias mulheres, estas não mediam esforços para conseguir sua atenção e sentimento (DEL PRIORE, 2020).

Quanto à mulher africana, tinha como seu principal papel a de mãe e esposa. Era a dona de casa e de suas finanças, tinha o poder de regular e distribuir a alimentação para todos dentro do lar. Além disso, muitas mulheres formaram esquadrões durante guerras, foram também chefes de clãs e vilarejos podendo deter de poder político, econômico e

¹¹ DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e Guerreiras*. Planeta, São Paulo, 2020.p 14.

religioso. A autora cita o exemplo de rainhas guerreiras como: Yaa Asantewaa, do Império Ashanti, Ana Nzinga, que reinou em Ndongo e Matamba e Sarraounia, da comunidade de Azna (DEL PRIORE, 2020).

Ainda, no continente africano havia uma tentativa de controlar a sexualidade feminina a qual era associada a ideia de pureza. A prática de cisão do clitóris e dos pequenos lábios tornava o prazer feminino inexistente, além de garantir-lhes infecções e dores. Outra prática, considerada comum e que causava grande sofrimento às mulheres, era a violência causada pelos seus maridos. Mary destaca que caso o marido viesse a falecer sua esposa teria que provar não haver envolvimento na morte (DEL PRIORE, 2020).

Contudo, para o tratamento às negras, escravas, forras ou mulatas e indígenas aqui no Brasil, ainda eram reservadas a linguagem mais chula e o racismo. Eram degradadas e desejadas ao mesmo tempo. Os convites de fornicção eram feitos diretamente, sem rodeios e nem respeito, tornando o ditado popular “branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” muito cabível para este cenário. Eram consideradas mais desonradas do que as solteiras do reino, pois além de “putas” eram de cor (DEL PRIORE, 2016).

Formava-se assim as mulheres na sociedade colonial brasileira: a união da etnia europeia, indígena e africana. Cada uma trazia consigo uma bagagem de histórias, costumes e vivências distintas.

Começava também a enraizar-se o chamado patriarcado no qual as famílias brasileiras seriam regidas, governadas e protegidas pelos seus homens. Estes seriam casados perante a Igreja com suas mulheres que deveriam prestar-lhe obediência, submissão e respeito. A união dos dois deveria render filhos lindos, quanto mais melhor. Casos extraconjugais? Existiam, porém somente os homens poderiam ter amantes, pois, as mulheres, se descobertas, sofreriam graves punições. Esse era o ideal (DEL PRIORE, 2020).

A violência era marca registrada do patriarcalismo, assim como a relação de subordinação. Esta não girava em torno somente da mulher, mas de todos os integrantes da família como filhos, afilhados, agregados e bastardos. Contudo, segundo a autora, não era o tamanho que definiria a família patriarcal, mas sim, o poder que era exercido por ela. Ainda destaca que:

Para estudiosos, a família marcou o início do processo de colonização. **Segundo esse ponto de vista, a soma da tradição portuguesa com a colonização agrária e escravista teria resultado no patriarcado brasileiro.** Tanto no interior quanto no litoral, era o patriarcado que garantia a união entre parentes, a obediência entre os escravos e a influência política de um grupo sobre os demais [...] instalada em geral em engenhos ou fazendas, ela se concentrou na área rural até o século XVIII. O “senhor” cuidava dos negócios e aparentemente tinha absoluta autoridade. Sua influência era enorme e estenderia, muitas vezes, às famílias do mesmo tipo, localizadas em regiões próximas.¹²

(grifo nosso)

Ademais, segundo Michelle Perrot, o pecado da carne seria um dos mais temíveis. Vem daí atribuições importantes a proteção da virgindade feminina e também a função de as vendar sobre si mesmas e seus corpos. O sexo, para as mulheres, deveria ser protegido e fechado. (PERROT, 2007).

Cada sistema religioso, dependendo de uma cultura e outra, tinha uma explicação, um papel e um destino para o feminino. Por exemplo, na Idade Moderna e na Antiguidade, a sexualidade da mulher era tratada como um grande tabu pela Igreja católica. Ocorrendo desde a origem do mundo um retrato no qual Eva teve seu castigo por comer da maçã proibida, e que, por conta disso ocorreu seu despejo do paraíso e tivera que pagar por seus pecados e controlar seus desejos. Esse controle da sexualidade feminina vem muito daí, a mulher era vista como um “perigo carnal”. Porém, novamente nos deparamos com o dual sentido da questão sexual: era importante para a proliferação, contudo, também era visto como um ato de luxúria. (DEL PRIORE, 2020).

No protestantismo, assim como na Igreja católica, acreditava-se que a mulher era considerada com um ser inferior e que sua função era exclusivamente a de reprodução. Ainda, acreditava-se que a mulher só fora criada com o objetivo de ser um suporte para o homem, como uma ajudante. Era pertencente a elas um papel secundário em relação ao masculino. (DEL PRIORE, 2020).

Na Europa, os colonizadores trouxeram consigo esse tipo de ideia. Lá existiam até manuais para explicar esse ponto de vista, orientando que a mulher deveria obedecê-los, nunca dispor de seus bens sem o consentimento e jamais levantar da mesa sem aprovação do marido, por exemplo. Segundo a autora, nos continentes Africano e Asiático o cenário de submissão não era distinto. (DEL PRIORE, 2020).

¹² DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 21.

Além disso, para cá foi trazido também o modelo para a formação da família: pai e mãe matrimonializados perante a Igreja. Este seria regido por leis, as quais foram difundidas na sociedade. Nesse tipo de conjuntura familiar seria um ambiente propício para a educação dos filhos mantendo os ritos católicos, no qual esses, quando crescidos, também aplicariam com seus filhos. Deste modo, os ideais iriam ser reaplicados de geração em geração, com o intuito de se tornarem universais. (DEL PRIORE, 2020)

No entanto, por mais que o poder masculino fosse o grande dominador e predominante, esse fato não excluía a existência de distintas organizações. Subvertendo o mito de que a mulher seria impotente e fraca destaca-se as chefes ou matriarcas, Priore cita o exemplo de Brites de Albuquerque que assumiu o comando das terras após o falecimento de seu marido as tornando as mais rentáveis da colônia. (DEL PRIORE, 2016).

Casos como este não eram raros de acontecer, foram registrados em plantas divisórias de sesmarias e em cartas de doação. A autora cita alguns outros: como o de Brites de Albuquerque, da capitania de Pernambuco, que transformou suas terras em uma das mais lucrativas da colônia após assumir o comando por conta da morte do marido. E também o caso de dona Portazia de Bitancourt, do atual estado de Tocantins, que ao tornar-se viúva recupera o domínio de terras pertencentes ao seu pai, ex-governador. (DEL PRIORE, 2016).

Para estas, o termo e sentido da palavra “frágil” não lhes cabe, como o exemplo de Dona Maria que era dona de águas, juntando sua fortuna ao vender seus artigos ou troca-los remando em pequenos igarapés. Para manter sua segurança levava sempre junto consigo um facão e sua espingarda carregada, despertando respeito. Ou como o caso de Leonor Pereira Marinho e Catarina Fogaça as quais governavam uma grande quantidade de terra, em Tatuapara, na praia do forte, Bahia. (DEL PRIORE, 2020).

Assim, no território brasileiro, aos poucos foram-se formando distintas organizações familiares, pautadas de acordo com as necessidades. As mulheres, muitas vezes, tornavam-se a chefe da família, como em casos que o homem partia em busca de melhores condições de vida ou até mesmo falecia. Ainda, durante o século XVIII em São Paulo, e mais tarde no Nordeste, designou-se o termo “matriarcado da pobreza”, este seria utilizado para nomear um quadro familiar liderado também pelo papel da mulher mais

velha (avó ou mãe), com ausência de escravos, mas, em contrapartida, com a presença de agregados e filhos que poderiam ter pais diversos. Como discorre a autora:

Sua liderança amparava dificuldades e diluía conflitos, e uma teia de relações de vizinhança ajudava na luta pela sobrevivência. Espaços comuns como os rios onde se lavava roupa, a cozinha ao ar livre, quintais vizinhos e o hábito de conversar de cócoras permitiam a troca de informações, de receitas para doenças, de maledicências e de gestos de solidariedade.¹³

Além de estarem à frente da família, as mulheres também desempenhavam outras formas de trabalho, sendo donas de casa, cozinhando, lavando, costurando... e também o de cuidar de animais, de comércio, plantação, entre outros. Como já citado haviam também as mais estabelecidas financeiramente, como o caso de fazendeiras e comerciantes de escravos. A autora recorta um relato de um francês chamado Pyrrard de Laval, que em uma viagem pela Bahia, em 1611, relata que:

Travei conhecimento e fiz amizade com outra jovem portuguesa, uma nativa do Porto, chamada de Maria Mena, que dirigia uma das melhores tabernas da cidade, e não me faltou nem comida nem bebida, pois de tudo ela me dava quando precisava, com o conhecimento do marido, suprindo-me também de dinheiro para pagar-lhe mais tarde. Chamava-me de meu “camarada”.¹⁴

As Afrodescendentes que conquistavam se manter por conta própria também estabeleceram famílias, domicílios e negócios. Eram membros de uma economia informal ao trabalhar na rua, mas também trabalhavam em casa. Ainda, poderiam ter escravas ou agregadas. Esse panorama fortalecia a tradição de etnias matrilineares dos países de origem das mesmas, como Congo e Angola. (DEL PRIORE, 2020).

Como destaca Del Priore, nessas famílias matriarcas havia espaço para o sentimento, este era estendido tanto para os filhos de sangue quanto para os de criação, sendo que esse amor materno era exercido na forma de zelar e cuidar dos mesmos. Ainda, as mesmas tinham o poder de casar seus filhos e filhas, podendo escolher o pretendente ou a pretendente e controlar o dinheiro da família. Contudo, em casos de desacordos, cita a autora que:

[...] quando tinham seus interesses contrariados, eram capazes de reunir agregados armados para acertar contas com desafetos e tinham o poder de vida e morte sobre os seus. Um exemplo é o de Ana Tereza, moradora de Guarulhos, São Paulo, acusada de matar dois netos recém-nascidos. A um deu de beber

¹³ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 22.

¹⁴ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 23.

ervas venenosas; do outro torceu o pescoço. Por quê? A filha era “idiota” não teria como ampara-los.¹⁵

Ainda, o discurso moralizador sobre os corpos, seus usos e prazeres foram impostos de cima para baixo, como cita a autora no livro *História das mulheres no Brasil*. A partir do século XVII, discursos sobre a submissão da mulher se alargam, sendo que a Reforma protestante e a Contra-Reforma católica darão ainda mais ênfase ao cenário, acusando-as de luxúria. Ademais, a origem do Gênesis culmina para e disseminação eclesiástica contra o sexo, com o mito da mulher sensual e perversa. (DEL PRIORE, 2004).

Domesticar a mulher dentro do casamento, com recato e mantendo um discurso de obediência tanto moral quanto de seu corpo as detinha em um modelo feminino a ser seguido, mesmo que fosse a força. Caso contrário, em caso de desejo ou da mulher despertar o interesse de outro homem a não ser seu marido, era condenada a pagar uma penitência ou correr o risco de ser agredida pelo seu marido. Além disso, a exibição demasiada de seu corpo, como seu seio por exemplo, era associada a prostituição. Os seus pés também requeriam um cuidado, não deveria ser exposto de uma forma escancarada (DEL PRIORE, 2004).

O uso da violência, como citado, estava entre os castigos que a mulher poderia sofrer. Como cita a autora em um caso do ano de 1756 no qual, em um processo de divórcio, o juiz aconselha ao marido o uso da violência moderada caso necessário. Ainda, havia o medo dos castigos celestiais, pois se o castigo não fosse executado em vida, estes não falhariam. O confessionário também era um ambiente de controle no qual o padre exercia a preocupação com a pureza física e mental da mulher. E para esse assunto, também não faltavam guias para um “bom” casamento e uma “boa” relação com o marido. A autora cita dois: *Instrução às senhoras casadas para viverem em paz e quietação com seus maridos* e *O casamento perfeito*. (DEL PRIORE, 2016).

Elas deveriam fazer o marido feliz, eles não poderiam dar-lhes liberdade. Contudo, utilizavam da recorrência aos tribunais eclesiásticos em busca processos de divórcio em casos de brutalidade, dissipação de bens ou de infidelidade. Ainda, esse era

¹⁵ Idem, ibidem.

um recurso usado para resgatar o cônjuge que havia lhe prometido em casamento após tirar sua virgindade.

Dando continuidade ao perfil do país a autora destaca, no livro *Sobreviventes e Guerreiras*, fatos que culminaram nas distintas realidades econômicas, sociais e culturais existente na época. Sendo esses fatos os implicadores para os diferentes papéis das mulheres habitadas nas diferentes regiões do território. (DEL PRIORE, 2020).

Seriam eles: a vinda das “órfãs do rei”, que eram mulheres enviadas pela Coroa portuguesa com a finalidade de casar-se com os imigrantes que aqui viviam. Em seguida, por conta da instalação da agromanufatura do açúcar e o requerimento de milhares de escravos africanos para nelas trabalharem houve a propagação populacional no litoral. Depois disso, nos séculos XVII e XVIII, houve uma expansão cultural provocada pela descoberta das minas de ouro, no atual território de Minas Gerais, e a prática da pecuária. E, a partir de meados do século XVIII, a urbanização nacional (DEL PRIORE, 2004).

Alterando a estrutura demográfica da população movida por pessoas que estavam em busca de trabalho e ocupação, foi promovida importantes ondas migratórias no interior da colônia. Essa variedade de cenários contribuiu também para que houvesse uma mudança e as diversas facetas que girava em torno do papel feminino.

Constatamos que, diante de seus contextos, as mulheres travavam embates com concepções, pré-conceitos e normas que interferiam nas suas vidas, sejam elas vinda da Igreja, da medicina, dos seus maridos, pais ou sociedade. Cada uma delas, tinha de enfrentar desafios e lutas para exercer seus papéis. Contudo, muitas driblavam essas dificuldades e, contrariando as estatísticas, tornaram-se poderosas e influentes. Algumas ainda, viviam dessas imposições e subordinações até seus últimos dias. Aprofundaremos essas questões no capítulo a seguir.

II

BELEZA E SEXUALIDADE; VELHICE E FEIURA

O capítulo II destina-se a desvendar, a partir das obras de Mary Del Priore, os mitos da intimidade da mulher e descobrir os estigmas da sociedade diante do corpo e vestimentas femininas. Ainda, destacaremos sobre como a velhice e feiura eram tratadas no Brasil Colônia, bem como a vaidade e preocupações com a beleza.

2.1- OS CORPOS E SUA INTIMIDADES

A autora Michelle Perrot defende, no seu livro *Minha História das Mulheres*, que o corpo representa a história, as mudanças do tempo. Não sendo inerte, o corpo, em seu todo, é uma representatividade da história política, física, estética.... que o indivíduo está envolvido. (PERROT, 2007)

Nesse viés, o capítulo “Ao Sul do Corpo” do livro *Sobreviventes e Guerreiras*, Del Priore aborda assuntos que giram em torno da sexualidade feminina. Em uma época em que o sexo antes do casamento era considerado pecado perante a Igreja Católica várias condutas foram impostas aos casais. O corpo feminino também foi colocado em pauta, tentavam de várias formas cobri-lo e torna-lo e mais discreto possível. Assuntos sobre a intimidade feminina? Quanto menos discutido melhor. (DEL PRIORE, 2020).

Naquela época, assuntos íntimos sobre a mulher era de se guardar a sete chaves. Não se falava abertamente sobre suas experiências e seus prazeres eram proibidos. Além disto, a Reforma católica veio para acentuar este cenário. A autora cita que dentre as mudanças ocorridas por conta desse acontecimento, vigiou-se mais a moral conjugal e que, conseqüentemente, isto influenciou o pudor e afastamento das mulheres com seus corpos.

“A vagina só podia ser reconhecida como órgão de reprodução, como espaço sagrado dos “tesouros da natureza” relativos à maternidade. Nada de prazer. As pessoas consideradas descendentes costumavam se depilar ou raspar as

partes pudentas para destruí-las de qualquer valor erótico. Frisar, pentear ou cachear os pelos púbicos era apanágio das prostitutas”.¹⁶

Del Priore recorda a chamada “menoridade física da mulher”:

[...] como Adão, ele reclamou o direito de nomear o que tivera o privilégio de ver pela primeira vez o que era, segundo sua descrição, a fonte do prazer feminino. A descoberta, digerida com discrição nos meios científicos, não mudou a percepção de que existia, havia milênios, sobre a menoridade física da mulher. **O clitóris não passava de um pênis miniaturado, capaz, tão somente, de uma curta ejaculação. Sua existência endossava a tese, comum entre os médicos, de que as mulheres tinham as mesmas partes genitais que os homens, porém- segundo Nimésius, bispo da Emésia no século IV- “elas a possuíam no interior do corpo, não no exterior”. Galeno, que, no século II de nossa era, esforçara-se por elaborar a mais poderosa doutrina de identidade dos órgãos de reprodução, que se empenhou em demonstrar que a mulher não passava, no fundo, de um homem que, na falta de perfeição, conservava os órgãos escondidos.**¹⁷

(grifo nosso)

Além disso, influenciava-se a terem como seus únicos objetivos de vida ser uma boa mãe e uma boa esposa. A obediência deveria ser sua virtude principal e os casamentos eram mais um arranjo que visava a parte de favorecimento financeiro do que as próprias escolhas e sentimentos.

Já sobre a adolescência feminina são encontrados poucos registros, tendo em vista que elas tinham como uma de suas únicas funções preservar sua virgindade. Vislumbravam em seus futuros duas grandes certezas: deveriam casar-se ou dedicar-se ao convento, serem freiras. Outras possibilidades diferentes destas eram limitadas, arrisco-me a dizer, quase inexistentes. Suas transformações corporais e hormonais, comuns nessa faixa etária, não deveriam externadas, as sustentavam interiorizadas e fora dos olhares do sexo oposto. Além disso, adolescente era visto como sinônimo de desordem, deveriam ser domados e mantidos sob olhares de seus pais ou responsáveis, para que estes controlassem suas atitudes, impulsos e desejos.

Ademais, entre os médicos a sexualidade feminina também era pouco comentada e estudada, beiravam até certa ignorância:

Os doutores repetiam de mestres antigos que, tal como um animal vivo e inquieto- “animal enrabudo”, segundo o médico Bernardo Pereira -, o útero era capaz de deslocar-se no interior do corpo da mulher, subindo até a garganta, causando-lhe asfixia. Quando não se movimentava, emitia vapores ou “fumos” capazes de infectar o cérebro, o coração e o fígado. Acreditava-se, ainda, que o útero se alimentava de sangue e “pneuma” e que o espírito vital, emitido pelo homem, encarregado da fecundação, chegava-lhe por uma

¹⁶ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 43.

¹⁷ Idem, ibidem.

grande artéria que desceria do coração ao longo da coluna vertebral. No processo de fecundação, a fêmea era elemento passivo. Comparada por alguns médicos a galinha, tinha por exclusiva função portar os “ovos”.¹⁸

Nos períodos de amamentação, menstruação, gravidez ou até mesmo os dias de jejum e de festas religiosas era proibido o ato sexual. Contudo, além desses dias, a prática também requeria vigilância e controle. O sexo deveria ter como único objetivo a procriação, e, qualquer outro fim que fosse praticado era condenado juntamente com as práticas contraceptivas e de aborto. O beijo e outros gestos de afeto eram expressões também controlados, caso não tivessem como intenção final o ato sexual. (DEL PRIORE, 2020).

Porém, a negação do sexo, a não ser nessas datas citadas anteriormente, também era considerada como um pecado. Tendo em mente a associação do prazer somente a ejaculação masculina e todos os controles, restrições e ao mesmo tempo imposições- já citadas acima- o que se pretendia era tornar, cada vez mais, a redução de situações que pudessem favorecer o prazer. (DEL PRIORE, 2020).

A intimidade, para os populares, era mais dificultosa ainda e isso se dava por conta do planejamento, organização e rotina de suas casas. O cômodo para dormir normalmente era compartilhado e as pessoas dormiam em redes ou esteira. Além disso, esse mesmo cômodo dava conta de outras atividades como receber os amigos, cozinhar alimentos.... (DEL PRIORE, 2004).

Del Priore cita que somando-se ao fato de haver muitas frestas entre as paredes das residências e de as chaves serem um artefato muito caro, era preferível, entre os casais ter seus momentos de intimidade em meio a natureza, como em matos, praias e campos, por exemplo. (DEL PRIORE, 2016).

Dentre as solteironas e viúvas também se criou um mito: considerando que o desejo sexual fosse quase exclusivamente feminino, estas mulheres não poderiam “passar vontade”, pois isso colocava-as em risco, “é uma fome ou uma sede desta tal parte. Doença que só cessa com socorro de macho”¹⁹.

Além de haver tempos, locais e formas devidas para o sexo, havia também posições certas para seu exercício. Essas posições tinham a finalidade de propiciar a procriação, a autora destaca que:

¹⁸ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 44.

¹⁹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 45.

[...] era proibido evitar filhos gozando fora do “vaso”; era obrigatório usar o “vaso natural” não o traseiro; era proibido a mulher colocar-se por cima do homem, contrariando as leis da natureza- afinal, só eles comandavam; não se permitia colocar-se de costa, comparando-se às feras e animalizando um ato que deveria ser sagrado- certas posições, vistas como sujas ou feias, constituíam pecado venial, fazendo com que “os que usam de tal mereçam grande repressão , por serem piores que brutos animais, que no tal ato guarda seu modo natural.”²⁰

Sobre o papel feminino durante a relação sexual, não faltava imposições. A autora destaca o de Aristóteles:

Que nenhuma delas, nenhuma mesmo, desejasse o papel da amante de seu marido. Isso queria dizer que a esposa não deveria mostrar nenhum conhecimento sobre o sexo, que somente casta e pura ela seria desejada. A ingenuidade seria prova de honradez.²¹

Ademais, as concepções dos séculos XII e XVIII resumem bem como as mulheres eram vistas pela Igreja:

[...] a Igreja identificava nas mulheres uma das formas do mal sobre a terra. Quer na filosofia, quer na moral, quer na ética, a mulher era considerada na época um ninho de pecados. Os mistérios da fisiologia feminina, ligados aos ciclos da lua, ao mesmo tempo que seduziam os homens, os repugnavam. O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções da parceira os repeliavam. O corpo feminino era considerado impuro.²²

2.2- AS DIABOLICAMENTE INFLUENTES

A autora em análise, destaca o papel das feiticeiras. Sendo africanas, índias e mestiças eram uma representação dos saberes indígenas somados aos saberes africanos e europeus. Os assuntos giraram em torno de adivinhações, corpo, doenças, amores e promessas de dias melhores. E além disso, eram uma figura que representavam controvérsias ao que se era imposto às mulheres da época: eram temíveis, sexuais e poderosas. (DEL PRIORE, 2020).

Encontravam-se nas camadas mais populares da sociedade e fugiam da submissão que a Igreja católica e o Estado desejavam, representavam a liberdade. Prometiam prender o amante, proteção, afastamento da inveja e do mau olhado, além de terem o conhecimento sobre magias de amor e de dominarem a adivinhação do futuro. (DEL PRIORE, 2004).

²⁰ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 46.

²¹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 43.

²² DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 45.

Assim, representavam o papel das curandeiras no Brasil Colonial, e este, nada mais era do que um meio de salvação para o cenário de dificuldade que as mulheres tinham que enfrentar na época colonial. Utilizavam do conhecimento que tinham como uma forma de sobrevivência e esse conhecimento era passado de pessoa para pessoa dos mais diferentes grupos sociais.

Seus poderes abrangiam desde curas de diferentes doenças e males até facilitação de fugas ou alforrias de escravos e amarrações amorosas. A autora cita alguns exemplos:

Na rua das Laranjeiras, no Recife, morava Antônia Maria, já penitenciada pelo Santo Ofício da Inquisição e que fazia adivinhações com uma peneira, um algar de água e uma tesoura. No Maranhão, Margarida Borges adivinhava com uma oração quem eram os ladrões que furtavam nas imediações “Por São Pedro e por São Paulo, pelo buraco de Santiago, pelo buraco de Santiago, pelo padre revestido e pela hóstia consagrada fulano furtou isso”. A escrava Maria Francisca, em Belém, também usando o sortilégio do balaio e da tesoura, mas com reza diferente, descobria malfeitos: “Vem São Pita, vem São Paulo á porta de São Tiago”. A negra Rita, em Vila Rica, quando acusada de fazer rituais curativos, foi defendida por suas clientes brancas, que preferiram seus pós e rezas aos “remédios que deveriam usar” para curar suas doenças.²³

Del Priore destaca que essas práticas eram encaradas como uma forma de solidariedade exercidas entre as mulheres. Oportunidades e momentos como esses eram utilizados para curar-se, cuida-se e trocaram conhecimentos e saberes sobre seus corpos, tornavam-se poderosas e repartiam e transmutavam desses poderes. “Eram diabolicamente influentes!”²⁴

2.3- PROSTITUIÇÃO

A autora traz também à tona o debate acerca da prostituição no Brasil Colonial. Praticada às escondidas ou motivadas pelos senhores era um dos últimos meios a se tentar para seu ganha pão pelas escravas libertas ou brancas pobres. As mulheres eram colocadas na “vitrine” e muitas delas eram menores de idade, vestiam-se com trajes menores e emperiquitadas com joias. Quanto mais bonitas e atraentes fossem mais dinheiro e “clientes” atraíam.

A prostituição podia ser ensejada por senhores ou praticada secretamente como uma forma de ganho. A concorrência entre comerciantes e escravos que ofereciam gêneros era vasta, gerando reclamações dos pequenos

²³ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 51.

²⁴ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 54.

comerciantes, obrigados a pagar impostos. A tensão era grande, sobretudo com as escravas libertas que, juntamente com as brancas pobres, rapidamente dominaram o comércio de vendas e tavernas pelo interior. O toque de recolher ou regulamentos que as obrigavam a ficar atrás do balcão raramente as incomodava. Comércio, aliás, feito até nas beiras de estrada, onde o balcão era uma simples janelinha estreita separando comestíveis e cachaça do comprador. “Viver de suas quitandas” ou de vender em “casinhas” onde um quartinho discreto se prestava a encontros era forma de identificar seu ganha-pão.²⁵

(grifo nosso)

Muitos estigmas rodeavam as mulheres que ganhavam dinheiro dessa forma. A Igreja, principalmente, impunha comportamento e restrições baseado nas prostitutas. Por exemplo: se a mulher não raspasse os pelos púbico ou se os cacheassem e penteassem não seriam consideradas decentes, pois esses eram privilégios das prostitutas. Outro exemplo era o sexo que, se destinado a qualquer outra finalidade e não ser procriação também seria “coisa de prostituta”. (DEL PRIORE, 2016).

Desta forma, foi fomentado, cada vez mais, o preconceito e pudor a essas mulheres. Elas e seus comportamentos eram considerados “aberrações” por aquelas que sonham em se casar e viver a vida de acordo com os ensinamentos da Igreja. Contudo, nem por isso, a prática fora exterminada da época. Bem pelo contrário.

Por conta dos casamentos muitas vezes representarem mais uma aliança de interesses do que realmente uma instituição de amor e parceria, os maridos procuravam nos prostíbulos uma forma de consolo e prazer e nesses ambientes reuniam-se homens, que fumavam, bebiam e se divertiam.

Del Priore, no livro *Histórias Íntimas* destaca duas “classes” principais de prostitutas: as cocottes e as polacas.

[...] **As primeiras, representavam o luxo e a ostentação. As segundas, substituindo mulatas e portuguesas, representavam a miséria.** “Ser francesa” significava não necessariamente ter nascido na França, mas frequentar espaços e clientes ricos. Ser polaca significava ser produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais importantes e... pobre. Dentre as primeiras, algumas se immortalizaram no Rio de Janeiro: Rabelotte, Suzi, FONSECOTE, Marinette, Margot, TÁTI, Lyson, entre outras; dançarinas de can-can – as cancanseuses – animavam a vida noturna e exibiam-se em joias e presentes que valorizavam a generosidade de seus amantes e protetores. Deixavam-se retratar – como as pintou, na época, Henrique Alvim Correa – com chapéus de plumas, ligas, meias, luvas e... como vieram ao mundo. Tal como em Paris, exibiam-se em “quadros vivos”, oferecendo aos homens o prazer de vê-las desnudas ou em cenas de safismo. Frequentá-las era sinônimo de poder e modernidade.²⁶

²⁵ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 100.

²⁶ DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*: Planeta, São Paulo, 2011.p 77.

(grifo nosso)

Em suma, podemos dizer que a prostituição tinha sentidos diferentes, de acordo com o sujeito. Para os homens era uma oportunidade de escapadela, de fazer com essas mulheres aquilo que não faziam com suas esposas. Para a Igreja, esse era um cenário asqueroso, lutavam e impunham atitudes e cuidados para manter as “puras” longe das façanhas das prostitutas, viam nelas um grande perigo e ameaça as famílias idealizadas de acordo com os lemas cristões. Além disso, eram encaradas como criaturas sujas, doentes e fedidas. Já para as prostitutas, principalmente pretas e mulatas, esse era um dos únicos caminhos para seu próprio sustento e de sua família.

Além disso, essa situação propiciou a infâmia da sexualidade feminina. O retrato da prostituição estimulou a escassez de liberdade, que por muitas vezes era quase inexistente, referente ao próprio corpo da mulher. Eram menosprezados os sentimentos, prazeres, conhecimentos de si mesmas e, além disso, também de compartilhamentos de situações e experiência que tiveram vivido.

2.4- *ENTRE AS APARÊNCIAS*

Em relação à questão da vestimenta e beleza feminina, consideramos que evidenciar suas formas de representação, manifestações e significados constitui um eixo de análise que nos permite agregar elementos caracterizadores da vida da mulher no Brasil Colônia.

Sobre as indígenas, Caminha mostrava, em seus relatos, grande apreciação por elas, sendo que sua beleza era de padrão divergente das mulheres europeias. Tinham cabelos longos, pretos e exibiam pinturas em seus corpos. Ah, os corpos! Esses representavam um misticismo sexual já que elas andavam quase sempre nuas ou seminuas, sem vergonha nenhuma. Tanto a mulher de origem africana quando a indígena tinha a ideia de valorização na liberdade de expor seus corpos (DEL PRIORE, 2016).

Contudo, como destaca a autora, logo no início do século XIX, as indígenas e as negras adaptariam suas vestimentas:

As mulheres se cobriam com camisas e saias de algodão, de bretanha, de chita. Ou usavam aventais de retalhos de algodão, por vezes, lenços na cabeça à moda portuguesa. Ainda que portando roupas sujas, as guaranis pareceram a Saint-

Hilaire incrivelmente “asseadas”. Os cabelos negros e bastos, presos em coque por “pentas feitos de bambus”, observou Henry Walter Bates.²⁷

As mulheres negras exibiam roupas de cetim e bordadas, bem distintas das usadas por escravas de senhores menos desfavorecidos, que, por sua vez, usam camisolões brancos. Bem como, a compra de relíquias era comum através de seus ganhos, utilizavam de brincos e anéis em ouro, por exemplo. A autora destaca que as negras libertas dispunham do mesmo tipo de vestimenta que as brancas.

Ademais, para elas, essa joalheria não tinha somente o significado luxuoso, representava, principalmente, o significado religioso:

A compra de relíquias era corrente entre escravos, traduzindo a crença na comunicação com seres sobrenaturais do catolicismo. Eles foram grandes consumidores de bentinhos, contas do rosário, medalhinhas com efigies de santos, verônicas e até papelotes com o “leite em pó da Virgem Maria”, vendidos por um padre salafrário na região do Serro, em Minas Gerais. O porte de bolsas de mandinga se misturava às joias de axé. Trazendo poderosas orações que vinham acompanhadas por desenhos, pós de ossos, pedaços de pedra d’ara ou de círio pascal, tais conteúdos atendiam a objetivos variados. Eram usados como proteção contra a maldade, para separar casais, contra doenças ou quedas, para escapar da morte e atrair o bem. Acessório obrigatório, tais bolsas de mandinga tinham seus fabricantes especializados. Alguns tão bem-sucedidos que até de equipe de ajudantes precisavam para dar conta do número crescente de encomendas. Tais bolsas faziam parte da indumentária africana no Brasil ou entre os membros das diferentes nações do outro lado do Atlântico²⁸.

(grifo nosso)

A feiura, era associada à velhice. Deste modo, dentre a elite, os olhos, lábios e maçãs do rosto eram pintados como forma de disfarce a essas imperfeições. A maquiagem era pesada, eram utilizadas perucas inclusive feitas com cabelo de mulheres defuntas.

As roupas tinham papel político social de manifestar os níveis sociais de quem as vestia. Contudo, os gostos perante aos modelos de vestimenta e suas cores eram bastante variados, não existia uma moda padrão. As mulheres utilizavam joias, espartilho e ornamentos. A chamada capa de castor era indispensável para idas a missa, ou qualquer outra saída de uma mulher rica (DEL PRIORE, 2016).

Além disso, os penteados tinham uma atenção especial e ganhavam destaque. No geral, mantinham seus cabelos longos, muito longos, e neles faziam tranças, utilizavam fitas, perucas bastante ornamentadas e exageradas (DEL PRIORE, 2016).

²⁷ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2016, p. 282.

²⁸ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2016, p. 284.

A feiura e a velhice eram uma dupla temida dentre as mulheres na época. Então, qualquer sinal de aparecimento de marcas de expressões, pés grandes, do bigode feminino, barriga mole... era causa de incomodo e preocupação com julgamentos. A autora cita o poeta Gregório de Mattos, defendendo que após os 30 anos a beleza feminina dissipava-se:

Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
E na rosada face a Aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o zênite da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia ocaso da beldade ²⁹

Usava-se “receitas” como o leite de cabra para garantir um cabelo longo e branco. Pérolas eram esfregadas nos dentes para resultar em clareamento e brilho dos mesmos, estas receitas eram encontradas em livros, que circulavam desde o século XVI, essa era a tentativa de esconderem suas próprias imperfeições:

A ação depilatória do sulfato de arsênico, malgrado sua toxicidade, por exemplo, é uma delas. O leite de cabra e a gordura de cavalo, pela analogia com os longos pelos do animal, garantiam cabelos soberbos e sedosos. A pele e a gordura de cobra prometiam fazer a pele feminina ficar nova. Pérolas esfregadas aos dentes garantiam brilho e brancura. Milagrosa para o mesmo fim era a pedra-pome dormida no vinho branco e transformada em pó. Pomadas e pentes davam forma perfeita aos pelos faciais restantes. Coberto de alvaiade, o rosto era totalmente emaciado com a finalidade de cobrir as marcas deixadas por doenças, então, corriqueiras: varíola, catapora, manchas de sol, acne. ³⁰

Em resumo, a preocupação com a aparência era bastante relevante, por mais que a pobreza fosse muito predominante na época. Porém, todo esse enfeite e preocupação com a estética fez com que fosse despertado na Igreja uma preocupação. O desassossego era com a periculosidade da mulher através de sua beleza e sexualidade, e, não faltaram

²⁹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2016, p. 289.

³⁰ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2016, p. 290.

tentativas para controlar essa situação. O corpo feminino fora, muitas vezes, associado ao pecado e forças obscuras. Pregadores defendiam que:

Quem ama sua mulher por ser formosa, cedo lhe converterá o amor em ódio; e muitas vezes não será necessário perder-se a formosura para perder-se também o amor, porque, como o que se emprega nas perfeições e partes do corpo não é o verdadeiro amor, se não apetite e a nossa natureza é sempre inclinada a variedades, em muitos não durará.³¹

Contudo, a preocupação feminina, apesar das restrições e advertências, sempre foi a de fazer-se bela. E esse era um terreno fértil para o desenvolvimento e comércio e procura de utensílios naturais de beleza, sejam eles: limão, arroz, açúcar... até produtos mais inusitados como excrementos de animais e leite de mulher parida (DEL PRIORE, 2016).

No entanto, esse cuidado com as vestimentas e sua beleza era somente da porta para fora. Dentro de suas casas as mulheres não tinham toda essa vaidade, era costume, entre elas utilizar somente uma espécie de camisola. Contrastando bastante com as roupas e maquiagens que desfilavam nas ruas, esta ficava bem larga e desajeitada, viajantes as mencionavam em seus relatos. A preocupação com o cabelo também não era presente enquanto essas estavam em seus lares, viviam, na maioria do tempo, com ele despenteado (DEL PRIORE, 2004).

Nesse capítulo, vimos como a beleza era representada diante das diferentes etnias em que se encontrava o papel feminino. Ademais, foi destacado sobre o controle e preocupações que a Igreja tinha diante da formosura das mesmas, visto que, isso também assolava a figura masculina- pai ou marido. A intimidade e sexualidade da mulher era um assunto restrito, e, por sua vez, tratado com muita ignorância e petulância. Os poucos saberes eram difundidos entre elas, mas, com muito cuidado e sigilo. Veremos mais no próximo capítulo.

³¹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2016, p. 291.

III

CASAMENTO E DIVÓRCIO; FAMÍLIA E TRABALHO

Nesse capítulo, abordaremos como o casamento e a família patriarcal atingem o papel feminino no Brasil Colônia e, também, o significado e impacto que o trabalho tem para a mulher, no âmbito de seus grupos sociais.

3.1- SER ESPOSA E CUIDAR DOS FILHOS: O PAPEL PRINCIPAL

No livro *Histórias e Conversas de Mulher*, Del Priore destaca o casamento como um grande divisor de águas. Neste cenário, a mulher teria um papel fundamental, independente da sua classe social, tanto na criação quanto no ensinamento dos costumes religiosos para seus filhos. Deveria ensinar e ser exemplo também na obediência e ajuda com o patriarca da família. Era a base para estrutura familiar, devendo seguir a linha de Nossa Senhora e exercer seu papel de “santa mãezinha”.

A dispersão dos núcleos de povoação reforçou as funções da família, no interior da qual a mulher era mantida enclausurada. Ela era herdeira das leis ibéricas que a tinham na conta de *imbecilitas sexus*: incapazes, como as crianças ou doentes. Só podia sair de casa para ser batizada, enterrada ou se casar. Sua honra tinha de ser mantida a qualquer custo. O casamento, quando havia bens a se preservar, era organizado para manter a paz entre vizinhos e parentes, estes últimos sendo os escolhidos com mais frequência como maridos.³²

(grifo nosso)

Ademais, a Igreja Católica explorou essa relação de dominação e submissão que existia entre esposa e marido. A primeira deveria cuidar da casa e das tarefas domésticas, e dar-lhe filhos. O pai teria a função de chefe da família, tendo sua personalidade conhecida como forte e temível. Exercia sua autoridade e suas normas deveriam ser obedecidas sem questionamento, tanto a mãe como o resto da família deveriam cumprir-

³² DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. Planeta, São Paulo, 2013, p. 13.

las com respeito. Seria este um claro exemplo do patriarcado brasileiro. “A família patriarcal foi assim resumida: “pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados”.³³

Sobre o termo “patriarcado” há muitas definições e vertentes. Correspondendo com a narrativa histórica de Mary Del Priore, podemos incorporar a ideia de Elisabeth Souza Lobo:

Discorrendo sobre algumas abordagens do trabalho feminino na Sociologia do Trabalho e na História Social, ela esclarece que uma parcela da produção acadêmica brasileira que abordou a divisão sexual do trabalho, relacionou esta questão com o patriarcado (LOBO, 1992). **Nestas perspectivas, a ordem patriarcal seria uma estrutura determinante da divisão sexual do trabalho, levando-se em conta as diferenças históricas dessa divisão. O patriarcalismo estaria, assim, na base da divisão sexual do trabalho, dando início a ela, e surge, por sua vez, dos fundamentos materiais da sociedade.** “Ou, o que me parece seguir um raciocínio semelhante: as relações sociais organizam as divisões da sociedade, e a divisão sexual do trabalho é um locus fundamental das relações entre os sexos” (LOBO, 1992: 259).

³⁴

(grifo nosso)

A inexistência de métodos contraceptivos dava aos casais a possibilidade de ter vários filhos, porém, muitos deles não sobreviviam. A morte, logo após o parto ou por doenças causadas pela falta de higiene, era bastante comum. Ademais, o uso da violência contra a mãe muitas vezes ressoava no filho também. Não era raro casos em que a mãe fora abandonada e expulsa de casa, passando junto com seus filhos situações de fome e vulnerabilidade econômica (DEL PRIORE, 2020).

A imagem da mãe no Brasil Colônia remete ao cansaço e reclusão. Desde muito novas eram destinadas ao casamento e a criação dos seus filhos e esse papel deveria ser exercido até o fim de suas vidas.

Michelle Perrot, também salienta essa ideia. Para ela, a maternidade não significava tão somente um momento, mas também um estado. O dilema de ser mãe era defendido e seguido tal como uma religião. O sentimento materno iria muito além do nascimento, pois, duraria e acompanharia a vida toda da mulher:

A sociedade ocidental promove a assunção da maternidade. Ela é "aureolada" de amor, "o amor a mais", segundo a expressão de Elisabeth Badinter, que descreve o crescimento do sentimento maternal a partir do século XVII50 e o da figura da mãe, tanto nas práticas (saúde, puericultura, educação na infância) quanto na simbólica. Um dos traços mais marcantes da época contemporânea reside na politização da maternidade, tanto nos Estados totalitários quanto na República.³⁵

³³ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2013, p. 80.

³⁴ AGUIAR, Neuma. Op. cit., p. 03.

³⁵ PERROT, Michelle. Op. cit., p. 69.

(grifo nosso)

Haviam aquelas que não viviam sob estas condições. Estas eram as mulheres pobres e abandonadas por seus maridos e, que, por haverem uma dupla jornada, a de trabalho fora e dentro de suas casas, não tinham condições para criar seus filhos. A solução para esse cenário era a de dar os filhos para vizinhos ou parentes criarem.

O papel de mãe era adaptado devido às condições de vida que essas mulheres se encontravam. Como já citado, o aborto era uma prática condenada pela Igreja Católica. No entanto, um dos motivos a levarem a mãe a abortar era a do sustento. Então, por mais que a Igreja manipulasse formas de controle, como o confessionário, por exemplo, práticas abortivas não eram raras nesta época:

Os escrúpulos abortivos na colônia não deviam ser muito grandes, pois até se criou uma lenda remota e popular para dar conta desta prática comum entre as mulheres que tinham que manter sós, ou com grandes dificuldades, a sua prole, ou entre aquelas cuja prole manifestava publicamente o pecado sexual e a desonra para a mãe. Símbolo velhíssimo de apetites baixos, o mito da Porcados-sete-leitões é, segundo Câmara Cascudo, uma “aparição noturna que se observa em ruas e estradas solitárias. Trata-se da alma de uma mulher que pecou com o filho nascituro. Quantos forem os abortos, tantos serão os leitões.”³⁶

O controle da Igreja atingia as mulheres e tinha como papel principal amedrontá-las e torná-las submissas às suas normas de conduta ditadas como as certas. Penitências eram aplicadas nos confessionários, castigos, e também o tão esperado lugar no céu era colocado sob ameaça, de acordo com a gravidade do pecado. Na gestação, esse cuidado e “zelo” também era mantido:

O zelo da Igreja acompanha as gestações: “As mulheres antes de seu parto devem cuidar que por sua culpa não suceda nenhum aborto ou parto intempestivo, deve, sofrem com paciência os incômodos da prenhez e as dores do parto sob pena de pecado”, adverte um pregador do século XVIII. “Depois que a criatura venha à luz devem, se podem, cria-la com seu próprio leite a exemplo das mulheres santas. Logo que convesçam do parto, saiam o quanto antes à Igreja paroquial para receber a benção do sacerdote e para dar graças a Deus pela felicidade do parto e finalmente porque a Divina Misericórdia perdoe os pecados que talvez se tenham cometido no uso do matrimônio”.³⁷

(grifo nosso)

³⁶ DEL PRIORE, Mary. *A mulher na História do Brasil*. Contexto, São Paulo, 2004, p. 52.

³⁷ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2004, p. 53.

Quando cresciam, os filhos passavam por uma importante transição: a adolescência. Esta fase trazia consigo uma grande carga e preocupação. Para as meninas, esse era um período de resguardo que abrangia dos 12 aos 18 anos. Os ensinamentos adquiridos nesse estágio seriam fundamentais para seu futuro, teriam de estar preparadas para o casamento e também para serem boas mães (DEL PRIORE, 2016).

A relação entre o pai e seus filhos era regida pela subordinação. Enquanto fossem adolescentes, principalmente, os pais detinham do poder da escolha do destino dos mesmos. Contudo, o amor materno representava o oposto. As mães eram emissoras de carinho e de cuidado (DEL PRIORE, 2016).

As jovens carregavam consigo a fama de serem selvagens, seus momentos de cortejo e paquera eram poucos e sempre sob olhares dos pais ou responsáveis. Assim como suas descobertas sexuais:

[...] Ameaçavam-se as meninas bonitas de ficarem feias. Proibia-se dormir de dorso. Eram proibidas as leituras picantes – “as pestilenciais novelas” ou a poesia erótica, assim como a ingestão de chá e vinho. Nos livros de medicina, a descrição dos masturbadores não variava: hálito forte, gengivas e lábios descorados, espinhas em toda a parte e perda de memória³⁸.

Contudo, muitas vezes, arranjavam formas de namorar escondido. Fugiam para matos ou praias em busca de matar seus desejos e terem sua privacidade. Todavia, as moças carregavam um grande compromisso: o de guardar sua virgindade. Se fossem seduzidas e descobertas por se entregar ao homem, corriam grande risco de serem despejadas de casa e de ficarem conhecidas por perderem sua honra. Esse, sem dúvidas, era um dos maiores medos das mulheres (DEL PRIORE, 2016).

Depois de casada, a mulher tinha como sua grande responsabilidade zelar e manter sua família. E, já as mulheres da elite pouco saíam de casa e em sua maioria não sabiam ler, as mulheres ocupavam-se com trabalhos manuais, como costura, bordado e preparos de alimentos. Estar na rua tarde da noite ou qualquer comportamento fora do adequado era uma ameaça à perda de sua pureza. O que seria castigado pelo marido, caso a mulher fosse casada, ou se solteira seria pelo pai, além de diminuir as chances de casamento da mesma (DEL PRIORE, 2016).

Para aquelas que já haviam passado da idade para casar-se, ou que, muito temiam ficar o resto da vida solteira havia uma solução: a reza para os santos casamenteiros.:

³⁸ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2016, p. 338.

As moças que desejavam muito se casarem, mas que encontravam dificuldades, costumavam rezar para os “santos casamenteiros”: são Gonçalo e santo Antônio. Nos casos de decepção amorosa, por exemplo, algumas, mais desesperadas, chegavam a esconder o Menino Jesus que o santo trazia nos braços até que ele lhes restituísse o namorado fujão. Quadrinhas de época mostram que já se recorria ao milagroso santinho para conseguir um noivo ou uma noiva:

Meu santo Antônio faceiro
santo dos mais adorados
que, sendo um santo solteiro,
cresces o rol dos casados.³⁹

O dia do casamento significava a concretização de todo o preparo e dedicação que a mulher teve até então. Seria essa a oportunidade de ela manifestar seus ensinamentos de uma boa esposa e dona do lar. Para o dia, havia uma série de preocupações e organização, desde a escolha do vestido, até outras inquietações da época:

Sabe-se também que as pessoas tinham várias crenças em relação ao dia do casamento. Não se devia casar em dia de Sant’Ana, pois a noiva podia morrer de parto. Durante a manhã que antecedia o casamento, a noiva não podia ajudar na cozinha – na qual se matavam e preparavam animais e outras comidas – nem sair de casa, exceto para ir à igreja, sem olhar para trás no caminho. Ao voltar para casa, após a cerimônia, o casal era recebido com foguetório e cantos de alegria. Uma grande comilança encerrava as bodas.⁴⁰

O concubinato também era uma prática recorrente. Este termo era designado para nomear os casais que viviam juntos sem a benção do padre e da Igreja. Em sua maioria, essas ligações eram mais comuns entre os casais desfavorecidos. Eram também conhecidos como uniões à moda da terra, e juntavam, principalmente, brancos com índias, mulatas ou negras.

Veremos mais sobre as diferentes formas de união a seguir.

3.2- CASAMENTOS AFRODESCENDENTES

³⁹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2013, p. 21.

⁴⁰ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2013, p. 22.

Dentre os afrodescendentes os casamentos também aconteciam e muitas vezes eram incentivados por seus senhores. Eles influenciavam seus escravos a casar e a continuar vivendo em suas terras pois viam aí uma forma de evitar fugas e revoltas.

A fecundidade das mulheres era louvada e como consequência disso, a infecundidade era considerada como uma maldição. “Sem filhos, estás nu”, dizia um antigo provérbio iorubá. Ainda, as mulheres mais jovens eram procuradas pelos escravos mais velhos, sendo comum essa forma de união. Para os mais novos era destinadas as mais velhas (DEL PRIORE, 2016).

Sobre a mulher negra da época, é importante desmistificar que as mesmas sofriam como vítimas permanentes de abuso:

[...] De acordo com a historiadora Sheila de Castro Faria, entre escravizadas, as relações sexuais impostas ou consensuais com seus senhores, e os filhos naturais ou adulterinos que delas nasciam, tanto podiam ser “um infortúnio quanto uma estratégia” de conquista de liberdade. O mito de constantes estupros não explica que tantas concubinas tenham sido alforriadas quanto da morte de seu senhor. Alforriadas e favorecidas. ⁴¹

(grifo nosso)

O casamento dentre os próprios afrodescendentes também era visto como uma porta para a libertação, seria uma forma de acelerar a alforria. Assim, a mulher estando liberta lutaria para comprar a liberdade também do marido, ou ao contrário. Havia também a união entre livres e escravizados, embora fossem mais raros. Vale frisar que, se a mãe fosse uma escrava, conseqüentemente, o filho dela também seria (DEL PRIORE, 2020).

Os casamentos aconteciam, segundo a autora, norteados por duas maneiras; a endogamia e a exogamia. A primeira diz respeito a uniões de etnias iguais, por exemplo, hauçá com hauçá, nagô com nagô. Essa seria uma maneira de preservar os costumes africanos aqui no Brasil. Já a exogamia era praticada pelas crioulas, e, ao contrário era preferível casavam-se com pessoas de origens distintas. ⁴²

As festividades desse dia especial, contavam com uma festa movida ao som de batuques, e, patrocinados pelos senhores:

[...] os senhores mais ricos, costumavam casar seus cativos no mesmo dia em que batizavam as crianças nascidas nos engenhos ou fazendas. Chamava-se um

⁴¹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 29.

⁴² DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 26.

padre para realizar as duas cerimônias, e depois havia uma “função”. A função era uma festa ao som de batuques, que talvez lembrasse as cerimônias africanas em que se reunia ampla parentela dos noivos; o banquete era a base de inhame e noz-de-cola, regado a vinho de palma. Para se encontrar e escolher, havia o trabalho na lavoura e, sobretudo, á época de colheita, a moagem da cana ou as atividades nas casas de farinha.⁴³

Tendo em vista que a população de escravos no Brasil Colônia era muito mais masculina do que feminina, havia muitos embates e brigas entre os escravos visando a disputa de uma mulher. As livres ou libertas tinham a preferência entre eles. Ainda, a autora destaca que:

Estudiosos dos casamentos entre escravos, como Juliana Barreto Farias, comprovaram que entre nativos e forros era normal levar em conta interesses socioeconômicos, e, neste processo, alguns “dotes pessoais” atribuídos às mulheres, como potência de trabalho, eram valorizados. Sem contar que pais ou outros “parentes de nação”, ou seja, membros de etnias e crenças africanas comuns, podiam pressionar amigos e filhos para arranjar noivos e noivas dentro da própria comunidade.⁴⁴

(grifo nosso)

Em suma, os casamentos entre escravos, não raras as vezes, constituíam uma oportunidade de melhorar as condições de vida, ao eleger noiva ou noivo com situação socioeconômica superior.

3.3- CASAMENTOS INDÍGENAS

Como vimos anteriormente, as uniões entre indígenas e europeus ocorreram desde o início da colonização, por conta de que, naquela época, tínhamos mais homens europeus em nosso território do que mulheres. Essas uniões eram chamadas “a moda da terra”. Mas, e entre os indígenas, como eram os casamentos? Quais eram os preparativos femininos para a união, e, quais os papéis que a mulher ocuparia ao casar-se?

O casamento para os povos indígenas eram uma representação de estabelecimento de alianças dentre as aldeias. De uma maneira geral, ocorria desta forma:

Desejando se unir, os varões se dirigiam a uma mulher, viúva ou donzela, e perguntavam sobre sua vontade de casar. Se o interesse fosse recíproco, pediam a permissão do pai ou do parente mais próximo. Depois de obtida a permissão dos parentes, os noivos consideravam-se casados. Não havia cerimônias, nem promessa recíproca de indissolubilidade ou perpetuidade da relação. O marido poderia expulsar a mulher e vice-versa. Se ficassem fartos do convívio, a união estaria desfeita. Ambos poderiam, então, procurar outros parceiros, sem maiores constrangimentos.⁴⁵

⁴³ Idem, *ibidem*.

⁴⁴ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 28.

⁴⁵ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2004, p. 19.

As meninas eram consideradas mulheres após sua primeira menstruação. O primeiro fluxo era recebido com muita festa e significava que a partir disso a mulher já poderia casar-se. Essa transição de fase era marcada por um rito de passagem que contava com corte de cabelo rente a cabeça, incisões na pele e queimaduras com cinza de abóbora selvagem. Esse rito tinha a finalidade de preservá-las de possíveis perigos e garantir-lhes serem futuras mães com um ventre sadio (DEL PRIORE, 2016).

Desde pequenas auxiliavam suas mães amassando barro ou fiando algodão, por exemplo. Entre os 7 e 15 anos aprendiam todos os deveres de uma mulher, como: preparar a alimentação, cuidar das roças, fabricar farinhas e vinhos... dos 15 aos 25 anos era a fase de casar-se, sendo que antes de acontecer, iniciavam-se as práticas sexuais. Mesmo que grávidas, as ameríndias não deixavam de realizar seus afazeres, o que acontecia também após o nascimento da criança. Já o homem era cumprimentado e tratado como se estivesse gravemente doente. Depois dos 40 anos as mulheres participavam de cerimônias de fabricação das bebidas fermentadas. Contrariando o que acontecia com os homens nesta idade, ao invés da idade ser sinônimo de sabedoria e experiência, as mulheres expressavam com seus corpos a degeneração moral (DEL PRIORE, 2016).

Enquanto fossem pequenos, as mães não largavam seus filhos, deste modo, tinham de adaptar suas atividades do dia a dia para que elas fossem realizadas com eles em seus braços.

Outros colonos viam as mães índias como feras brutas, como seres destituídos de sentimentos. Os caetés, por exemplo, eram considerados cruéis por não respeitarem as relações de parentesco (pais vendiam os filhos, os irmãos, seus parentes, sem nenhum pudor). Em 1571, às margens do rio São Francisco, uma índia caeté resgatada trazia consigo uma criança. Para se livrar do seu choro insistente, a mulher resolveu atirá-la no rio. O sertanista Gabriel Soares de Sousa relata esse episódio como forma de enfatizar a debilidade do sentimento maternal entre o grupo. Ele também narra a história de uma índia que trazia seu filho nas costas e se dirigia à roça para colher mandioca. Irritada com o choro do menino, ela resolveu enterrá-lo vivo. Os portugueses souberam da crueldade e foram atrás da criança. Resgatada com vida, ela foi batizada e conseguiu sobreviver mais seis meses. Entre os tupinaés, o sentimento maternal parecia ainda mais débil: as mulheres que ficavam grávidas dos inimigos matavam e comiam os recém-nascidos.⁴⁶

(grifo nosso)

⁴⁶ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2013, p. 16.

A poligamia era considerada um símbolo de prestígio. Quanto mais mulheres tivesse um homem mais valentes ele seria considerado. Porém, se cometido por mulheres, o adultério causava um grande horror, podendo o marido expulsá-la ou matá-la. Contudo, antes do casamento as mulheres tinham a liberdade de ter relações sexuais com os índios ou homens europeus (DEL PRIORE, 2016).

3-4- RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS

As relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo são relatadas desde o Brasil Colônia e, desde lá, enfrentavam grande preconceito, discriminação e desagradabilidade. Entretanto, também fomentavam grande desejo e atração, mas que, por muitas vezes, era encoberto por conta de sua fama de malquisto (DEL PRIORE, 2011).

Ademais, fora difundido na época o pensamento de que a homossexualidade era proveniente de distúrbios psicológicos:

[...] Na mesma época, a medicina legal começava a desenhar o perfil do “antifísico”: um tipo humano relacionado a determinadas formas de animalidade, dentre as quais as relações homoeróticas. Imediatamente, a homossexualidade se tornava alvo de estudos clínicos. O homossexual não era mais um pecador, mas um doente, a quem era preciso tratar. [...] ⁴⁷

Então, se praticadas, essas relações seriam guardadas a sete chaves. Além de destruir sua reputação social, arruinar as relações com seu pai ou marido- ou ambos- também seria um ato que representaria um grande pecado, homossexualidade também era representada como uma grande ameaça, ao tão esperado, lugar no céu.

3.5- OS DIVÓRCIOS

Os casamentos representavam, muitas vezes, alianças entre as famílias ou uma oportunidade para alavancar o prestígio social. Por conta disso e de serem submetidos a se casar muito cedo, os jovens ao matrimoniarem eram obsidiados desta escolha. Seus cônjuges, muitas vezes escolhidos pela família, não representavam amor ou afinidade. Esse cenário favoreceu o chamado desquite. A autora cita exemplos:

⁴⁷ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2011, p. 86.

[...] Escolástica Garcia, jovem casada aos nove anos, declarou em um processo de divórcio que nunca houvera cópula ou ajuntamento algum entre ela e o marido, por maus tratos e sevícias com que sempre tivera que conviver, e esclareceu ao juiz episcopal que “ela, autora do processo de divórcio em questão, casou contra vontade, só por temor se seus parentes”. Confessou também que sendo tão “tenra [...] não estava em tempo de casar e ter coabitação com varão por ser de muito menor idade”.⁴⁸

O divórcio já acontecia na época. Muitas vezes ele era recorrido ao Estado na esperança de que o mesmo o ajudasse no processo. São registrados casos de adultério e também de mau tratamento da parte do marido, como o uso de violência e de restrição da alimentação, por exemplo. Ainda, existiam os casos de assassinato dos cônjuges. Se praticado pelo marido havia apoio da lei já que o mesmo estaria defendendo sua honra, porém, no caso das mulheres, este seria um ato condenável, não havendo sequer a possibilidade de serem desculpadas (DEL PRIORE, 2020).

A violência também aparece como um dos motivos para o requerimento do divórcio, esta, infelizmente, era uma prática bastante comum entre os casais. Utilizada, principalmente, como forma de reprovação ou punição, os maridos espancavam os maltratavam suas esposas. Muitas vezes também as submetiam a trabalhos exaustivos e a condições de vida humilhantes. Vida esta que contrastava bastante com a de suas amantes, pois era costumeiro o marido presenteá-las e bajulá-las enquanto a esposa sofria em suas mãos (DEL PRIORE, 2020).

Essas condições de vida eram impostas às mulheres em geral, transpassando as condições de classe. Ricas ou pobres muitas mulheres sofriam dentro do seu casamento. Além do mais, o estupro dentro do casamento não era reconhecido de tal forma, muitas mulheres eram obrigadas a engravidar de um filho atrás de outro.

Contudo, diante desse cenário de humilhação e violência, nem todas as mulheres ficavam passivas. Cansadas de sofrimento, muitas esposas recorriam a soluções extremas, a morte natural do marido era camuflada atrás de assassinatos:

Abandono e humilhação ocorriam, mas não ficavam sem troco. Nem todas as mulheres eram passivas. Morte natural do marido, por exemplo. Nem sempre. Misturar vidro moído e sangue menstrual- considerado em poderoso veneno- á comida era uma das maneiras de eliminar o cônjuge. Em 1795, quatro mulheres foram presas no Rio de Janeiro por assassinarem seus parceiros. No Maranhão, presa na cadeia da Casa de Suplicação, dona Maria da Conceição teria mandado matar, ou melhor, assistido á “morte aleivosa” do consorte. Ela vivia em “publica e adulterina devassidão” com o corrêu do crime, o sobrinho

⁴⁸ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 29.

do companheiro, “com quem se ajustara a casar por morte deste”. As mulheres reagiam. A submissão tinha limites e elas sabiam como mudar uma ordem aparentemente imutável.⁴⁹

E esse era o outro lado da moeda: mulheres que se levantavam e não aceitavam as condições impostas. Que iam atrás do seu direito, da sua honra e de reparar as violências e sofrimentos por meio da justiça, que, muitas vezes, eram feitas com suas mãos.

3.6- O TRABALHO

Com a expansão territorial nos séculos XVII e XVIII por conta da descoberta das minas e do crescimento da pecuária, ademais a urbanização da colônia século XVIII reestruturou-se uma nova configuração familiar. Tornou-se mais comum as mulheres sozinhas nas cidades, sendo a chefia feminina (DEL PRIORE, 2016).

Proporcionando formação apenas de mãe, filhos e avós nos lares, algo muito comum também nas tradições africanas. Na região de Angola, por exemplo, o comando das mulheres no domicílio era costumeiro (DEL PRIORE, 2016).

Assim, elas cuidavam do comércio, das pequenas lavouras, das plantações e dos animais domésticos. As de maior prestígio social eram fazendeiras, comerciantes de escravos e de tropas. Além de auxiliar no sustento e sobrevivência de seus familiares eram membros de uma economia informal que existia na época (DEL PRIORE, 2016).

Haviam também as donas de engenho de cana de açúcar, em *História da gente brasileira* a autora cita o caso de Mariana, que teve destaque em um relato feito por uma viajante:

D. Mariana conduziu-nos ao engenho onde nos deram bancos colocados perto da máquina de espremer, que são movidos por um motor a vapor, da força de oito cavalos, uma das primeiras, senão a primeira instalada no Brasil. Há aqui duzentos escravos e outros tantos bois em pleno emprego. A máquina a vapor, além dos rolos compressores no engenho, move diferentes serras de modo que ela tem a vantagem de ter a sua madeira aparelhada quase sem despesa. Enquanto estávamos sentados junto à máquina, d. Mariana quis que as mulheres que estavam fornecendo cana cantassem, e elas começaram primeiro com uma de suas selvagens canções africanas com palavras adotadas no momento, adequadas à ocasião. Ela lhes disse então que cantassem os hinos à Virgem. Cantaram então com tom e ritmo regular com algumas vozes doces a saudação Angélica e outras canções. Acompanhamos d. Mariana dentro de casa, onde verificamos que enquanto nos ocupávamos em observar a maquinaria, caldeiras e a destilaria, preparava-se o jantar para nós, apesar de já estar passada, há muito, a hora da família.⁵⁰

⁴⁹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 36.

⁵⁰ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2016, p. 85.

Contudo essa liderança exercida pelas mulheres não era sempre “às mil maravilhas”. Estas tinham que lidar com percalços e situações conflituosas que ocorriam dentro de seus domínios:

Se não faltavam tensões e conflitos que as mulheres de engenhos ou plantações tiveram que administrar, suas escravas, por sua vez, podiam ser pivôs e testemunhas de crimes e violências. Processos as mostram assassinadas, como certa Angélica que apareceu morta, com a orelha amputada e “ferimentos pelo rosto e os braços amarrados com cepos”. A razão, não se sabe. Como ela, muitas outras sofreram maus-tratos ou foram estupradas e seviciadas. Outras cativas, por alguma razão, deram o troco: a fazendeira Ana Joaquina Carneiro Pimenta foi sufocada por suas escravas Letícia, Querubina, Cecília e Virgínia, e outras tantas cativas participaram ativamente de levantes, como o que ocorreu em Vassouras em 1838. Mas a zanga e a braveza de muita Nhanã ou Nhãngana sobre os escravos no mais das vezes não fazia medo aos moleques nem temor aos trabalhadores. Segundo registros literários, eram “mulheres respeitadas e mesmo amadas pela sua gente”. Por isso não faltam exemplos de senhoras que recomendavam, em testamento, a liberdade de suas mucamas queridas. Foi o caso, por exemplo, de d. Francisca Barreto de Jesus Faria, que, em 1676, estabelecia: “Por minha morte ficará liberta a escrava Ambrosina, parda a quem deixo para a servir a escrava Gabriela. Além deste legado, terá mais a quantia de um conto de réis que lhe será entregue por meu testamenteiro.”⁵¹

(grifo nosso)

Como sabemos, as mulheres foram uma parcela considerável nos serviços escravos. Era designado a elas serviços que incluíam as atividades domésticas, serem amas de leite, atividades na qual eram chamadas mães pretas, dentre outras. As calcanhas, por exemplo, eram escravas qualificadas a lidar com as engrenagens responsáveis para moer a cana de açúcar e outras funções como varrer e acender as caldeiras. Trabalho bem complexo e delicado. Para o trabalho, os escravos eram coisificados e de acordo com suas habilidades e capacidade tinham um preço. Vale frisar que uma oitava de ouro correspondia a 3,6 gramas. Essa era uma medida monetária bastante utilizada no Brasil Colônia. O livro recorta a fala do jesuíta Antonil, no qual cita que:

Por uma mulata de partes 600 oitavas de ouro

Por uma negra ladina cozinheira 350 oitavas de ouro.⁵²

⁵¹ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 88.

⁵² DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 99.

Já no campo, as mulheres escravas tinham de dividir as tarefas. Usavam foice e enxada na roça, assim como os homens. Participavam do plantio da cana de açúcar, recolhiam galhos e gravetos para a manutenção do fogo, buscavam água, dentre outras atividades. Já nas cidades, ajudavam no abastecimento das mesmas, vendendo frutas, produtos da roça, dentre outros.

Com o tempo as atividades comerciais foram crescendo e graças a essas a mobilidade econômica de mulatas e negras iniciou desde o século XVI.

No Brasil, além de pequenas comerciantes, brancas, pardas e negras livres e forras eram estalajadeiras e taverneiras que “davam de comer em casa”, “tinha, casa de vender coisa de comer e outras mercadorias”, “mestras de ensinar moças a lavar e cozer”, como aparecem na documentação da Inquisição em visitas a Salvador e no Recife.⁵³

Este cenário não deve causar espanto. As mulheres, ao contrário do que muito se pensa, apareciam no cenário colonial a frente de atividades comerciais e de pequenos negócios. Atividades estas que abrangem destes serviços de padaria até a própria venda de produtos:

Padeiras? Muitas. Na Salvador do século XVII, certa Domingas Simões Pinheiro era “juíza das padeiras”, por ser a mais antiga da cidade. Ali, uma relação de contribuintes do ano de 1648 traz o nome de nove mulheres donas de tavernas, padarias e vendas. Em São Paulo, onde se plantava trigo, a Câmara Municipal ameaçava aquelas que adulteravam o pão, misturando-lhe à massa farinha de mandioca e de milho branco. Na mesma cidade, padeiras mantinham constante litígio com as câmaras que controlavam o peso e o preço do pão. E elas recorriam a greves, petições, protestos e embustes para manter seus negócios e controlar, à sua maneira... o peso e o preço do pão!⁵⁴

Quanto ao comércio de alimentos, funcionava de forma hierarquizada e sobrecarregado de impostos. Nele desatacava-se as escravas de ganho:

Estudos revelam que foi no correr do século XVII que começou a aumentar o número das chamadas “escravas de ganho”. Eram negras e mulatas que inundavam as cidades com comércio ambulante de doces, pães e bolos ou rendas e bordados, “por uma tutameia”, como se dizia então, além de tecidos baratos e miudezas de todo o tipo, entregando aos seus donos – muitos deles, mulheres também – o ganho do dia e recebendo em troca um percentual. Pelo desembaraço com que se movimentavam pelas ruas, essa atividade ameaçava as donas de tendas e pequenos negócios em pontos fixos, de resto sujeitas às posturas municipais.⁵⁵

⁵³ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 105.

⁵⁴ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 99.

⁵⁵ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 100.

Aos poucos, essas mulheres ganharam espaço e além dos produtos alimentícios também foram liberadas a venderem outros tipos de mercadoria. Em 1751, era comum a venda de fitas de seda e outras quinquilharias. Essa liberação tinha como objetivo a fomentação e incentivo a esses tipos de prática comercial, para que, em decorrência, a venda do corpo - prostituição- diminuísse.

A legislação metropolitana assegurava, aliás, exclusividade da mão de obra feminina no comércio ambulante de “toda sorte de comestíveis pelo miúdo, como também vinhos e aguardentes”, além de “alféolas, obreias, jarfelim, melaço e azeitonas”. A esses produtos se somaram outros: hortaliças, queijo, leite, hóstias, agulhas e alfinetes, roupas velhas e usadas. A esse comércio que intermediava produtos se dava o nome de “carambola”. O objetivo? Destinar às mulheres pobres um “exercício honesto e precisa sustentação” para que pudessem viver desses “pequenos tráficos”.⁵⁶

Então, essa mobilidade econômica impulsionada a partir do século XVI fez com que os negros não só se apoderassem das atividades comerciais, mas, como também essas atividades os proporcionaram uma fonte de lucro notória. Ficaram conhecidas assim as “pérolas negras”, figuras nas quais eram detinham de casas, escravos, artigos de ouro e outros bens valorosos.

Histórias exemplares sobre o pequeno comércio? Sim. Quem conta é um documento do 4º Ofício de Notas do Rio de Janeiro, datado de 16 de setembro de 1785. Certa Maria Antônia do Rosário, como tantas outras mulheres na colônia, vivia de comprar mercadoria a preço baixo e revende-la com lucro, ou emprestar dinheiro a juros. Há tempos, conhecia a escrava Lucrécia, de nação bambuíla, pertencente a Caetano Pereira Cardoso, e sabia o quanto esta desejava comprar sua liberdade.⁵⁷

Em suma, esse impulsionamento do comércio foi evoluindo ao longo dos anos, até que, em meados do século XVIII, houve o surgimento da chamada burguesia urbana. Essa burguesia enfatizou a classe mercantil e, com isso, ocorreu uma modificação das mentalidades, social e também econômica. A sociedade colonial foi modificada e, foi criando-se privilégios e barreiras dentro a população. E, nesse cenário, o papel das mulheres trabalhadoras também foi sendo alterado. Com o passar dos anos as mulheres foram conquistando cada vez mais direitos e espaço dentro do mundo do trabalho, até chegarmos nos dias de hoje.

⁵⁶ Idem, *ibidem*.

⁵⁷ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., 2020, p. 103.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, no decorrer do texto, ao longo do tempo a figura feminina passou por mudanças, cenários e adaptações. Mulheres de todas as classes sociais, cores e idades reinventaram-se precisando de muita força e resiliência para seguirem em frente e escrever suas histórias. Em muitas situações passamos por cima das adversidades, conquistando nosso espaço.

Del Priore, em sua análise, interpretou o papel feminino na sociedade colonial colocando a mulher como protagonista. Deu nome e voz para aquelas que foram trabalhadoras, mães, heroínas, pioneiras, e, também para as que não conseguiram nadar contra a correnteza, as submissas, violentadas e carrasacas. Sobretudo, a autora mostrou que ser mulher é sinônimo de ser forte, e essa força é mostrada de acordo com a realidade e situação de cada uma.

Porém, o atual cenário brasileiro ainda não é nenhum “conto de fadas” para nós mulheres. Os noticiários ainda mostram feminicídios, violências, estupros, e outros horrores cometidos. Se não bastasse, ainda passamos por muitas situações desconfortáveis e amedrontadoras, pelo simples fato de sermos mulheres, e que, não são externalizadas: julgamentos, olhares, assédios.... No mercado de trabalho, seguimos lutando para termos os mesmos direitos que os homens. Na política e lugares de destaque acontece o mesmo.

Todavia, não podemos desconsiderar as conquistas e direitos sociais que alcançamos até então, e que, só se sucederam depois de muita luta. Citamos alguns: 1827- ano no qual as mulheres foram autorizadas a ingressar nos colégios; 1910- criação do primeiro partido político feminino; 1932- foi garantido, por lei, às mulheres direito ao voto; 1962- permissão, por meio da lei, para que as mulheres casadas não precisassem mais da autorização do marido para trabalhar, nesse mesmo período conquistou-se o direito à herança e de pedir a guarda dos filhos em casos de separação; 1895- surgimento da Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (em São Paulo, depois instaurou-se em outros estados), departamento o qual realizaria ações de proteção e investigação dos crimes de violência doméstica e violência sexual contra as mulheres; 2006-

sancionada a lei Maria da Penha, para combate à violência contra a mulher; 2015- inclusão do feminicídio no Código Penal Brasileiro.⁵⁸

Outro movimento, de suma importância para as mulheres e de suporte à conquista de seus direitos, foi o movimento feminista. Surgido em 1975, no Brasil, é uma importante instituição de apoio e de promoção às conquistas dos direitos civis das mulheres. O feminismo mobiliza-se na identificação e denúncias de discriminações e desigualdades que afetam a figura da mulher. É um movimento que ajuda a ressoar as vozes das mulheres, que luta e defende a emancipação da mulher, pela sua autonomia e pela dilaceração da opressão e dominação⁵⁹

Muitos dos paradigmas sobre nosso corpo e sexualidade foram quebrados. Hoje em dia, conhecimentos sobre nossos prazeres e sobre a educação sexual feminina são difundidos e compartilhados. Por mais que ainda haja alguns preconceitos e reclusas ao falar sobre o sexo, entre as mulheres, avançamos muito nesse campo. O mesmo pode ser dito sobre a medicina, seus conhecimentos e recursos.

Nesse viés, podemos destacar a criação da pílula anticoncepcional, o uso teve início no Brasil em 1962. Representou um avanço, tanto na saúde feminina quanto na autonomia e controle de seus corpos, a mulher passou a ter a escolha de engravidar ou não, decisão que antes não estava sob seu alcance. Impacto teve tal importância que esse marco ficou conhecido como uma revolução sexual.⁶⁰

Parafraseio, pela última vez, palavras de Mary Del Priore que destaca o final do século XX como determinante para os valores individuais e da autonomia da mulher. O crescimento feminino no mercado de trabalho- ao fim do século XX foi constatado que a mulher era responsável por 45% da força de trabalho no Brasil- a liberalização de costumes e concepções, o divórcio e o progresso científico são um dos componentes que propiciam tal cenário. Nesse mesmo período, no Ocidente, nota-se um declínio das

⁵⁸ GOV.BR. *Os marcos históricos no ensino e na vida pública da mulher no Brasil*. Disponível em: <<https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/uniprf/2023/marco/os-marcos-historicos-no-ensino-e-na-vida-publica-da-mulher-no-brasil>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

⁵⁹ CPDOC. *Movimento feminista*. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-feminista>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

⁶⁰ PEDRO, J.M. *A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração*. [artigo científico]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/CBwFBCqgdprcPL8x53x8bNz/?lang=pt#:~:text=O%20com%C3%A9rcio%20da%20p%C3%ADlula%20anticoncepcional,ENOVID%2C%20produzida%20pelo%20laborat%C3%B3rio%20Searle>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

sociedades patriarcais, reconfigurando as famílias e dando um novo panorama para o papel feminino e suas representações (DEL PRIORE, 2020).

O papel da mulher se reinventou e elas foram as agentes responsáveis por isso, tornaram financeiramente mais independentes e ideologicamente mais independentes. Aos poucos vamos nos desvencilhando das amarras que a sociedade nos impõe, o caminho é longo, mas, seguimos lutando diariamente para isso.

Lutemos para continuarmos ocupando cargos de visibilidade e que antes pertenciam somente aos homens. Lutemos para que sejamos respeitadas na rua independente do horário ou da roupa que estamos vestindo. Lutemos para não precisarmos levantar a voz para que sejamos ouvidas. Lutemos para que deixemos de sentir medo de expressarmos quem nós mesmas somos. Afinal, lugar e coisa de mulher é o que ela bem entende que seja.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, v. 15, n.2, 2000.
- BASEGGIO, K. J.; SILVA, M. F. L. *As condições femininas no Brasil colonial*. [artigo científico]. Disponível em: <https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/viewFile/1379/528.Pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- BURILLE, C.S.F. *Trajetória da mulher na história do Brasil: submissas ou ardilosas?* [artigo científico]. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1338343549_ARQUIVO_ARTIGO_TRAJETORIADAMULHERNAHIST_BRASIL.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- BURKE, Peter (Coord.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP - Universidade Estadual Paulista, 1992.
- DEL PRIORE, Mary. *História da gente brasileira: colônia*. Rio de Janeiro: Leya, 2016.
- DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e Guerreiras*. São Paulo: Planeta, 2020.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DESMUNDO. Alain Fresnot. Alan Fresnot; Van Fresnor. Rio de Janeiro: Columbia Pitures, 2003. Digital.
- DOMINGUES, J. E. *Família, patriarcado e mulheres no Brasil colonial*. Ensinar História, 2021. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/familia-no-brasil-colonial/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- FAUSTO Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.
- FIGUEIREDO, L; RIBEIRO, V. M. *Brasil feminino*. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em <<http://bndigital.bn.br/exposicoes/brasil-feminino/>>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SILVA, L.F; CASTILHO, M.A. *Brasil colonial: As mulheres e o imaginário social*. [artigo científico]. Disponível em: <21942-Texto do artigo-56279-1-10-20150127 (1).pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.